

Rodrigo de Andrade
(Organizador)

EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE CATÓLICA

APRENDIZAGEM E SERVIÇO



PUCPR
GRUPO MARISTA



© 2025, Rodrigo de Andrade
2025, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

**Pontifícia Universidade Católica do
Paraná (PUCPR)**

Reitor

Ir. Rogério Renato Mateucci

Vice-Reitor

Vidal Martins

**Pró-Reitor de Missão, Identidade e
Extensão**

Fabiano Incerti

**Gerente de Extensão Universitária e
Aprendizagem-Serviço**

Rodrigo de Andrade

Colaboradores

Organização

Rodrigo de Andrade

Tradução

Eduardo Portanova Barros

Rodrigo de Andrade

Imagem da capa

João Gilberto Viana Borges

Revisão técnica

Juliana Teodoro

Rafaela Bagolin Bez

Brenda Gross da Silva

Tailaine Cristina Costa

PUCPRESS

Gerência da Editora

Michele Marcos de Oliveira

Edição

Susan Cristine Trevisani dos Reis

Edição de arte

Cristina Mosol

Preparação de texto

Clarisse Lye Longhi

Revisão

Clarisse Lye Longhi

Meire Teresinha Contieri

Maria Auxiliadora de Lira Hager

Capa e projeto gráfico

Rafael da Matta Hasselmann

Diagramação

Rafael da Matta Hasselmann

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar

Câmpus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. +55 (41) 3271-1701

pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Edilene de Oliveira dos Santos CRB/9-1636

E96 Extensão na Universidade Católica : aprendizagem e serviço / Rodrigo de
2025 Andrade (Organizador). – Curitiba : PUCPRESS, 2025
324 p. : il. ; 23 cm

Inclui bibliografias
ISBN 978-65-5385-175-7

1. Extensão universitária. 2. Universidades e faculdades católicas. 3.
Responsabilidade social. 4. Aprendizagem. I. Andrade, Rodrigo de.

25-212

CDD 23. ed. – 378.1554

SUMÁRIO

ORQUESTRAR O SABER	5
<i>Pe. Ezio Lorenzo Bono (Dicastério para a Cultura e Educação)</i>	

APRESENTAÇÃO	11
<i>Rodrigo de Andrade (PUCPR)</i>	

PARTE 1: O LUGAR DA EXTENSÃO NA MISSÃO UNIVERSITÁRIA CATÓLICA 16

DIRETRIZES EXTENSIONISTAS: CONSTRUINDO PONTES ENTRE UNIVERSIDADE E COMUNIDADE POR MEIO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	17
<i>Juliana Teodoro e Rafaela Bagolin Bez (PUCPR)</i>	

A RESPONSABILIDADE SOCIAL UNIVERSITÁRIA: DO COMPROMISSO AO OLHAR INTEGRAL	35
<i>Joaquim Alberto Andrade Silva e José Ivaldo Araújo de Lucena (UCB)</i>	

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E DIACONIA: APRENDIZAGEM-SERVIÇO NO CORAÇÃO DA UNIVERSIDADE CATÓLICA	59
<i>Rodrigo de Andrade (PUCPR) e Jefferson Zeferino (PUC-Campinas)</i>	

O COMPROMISSO DA UNIVERSIDADE CATÓLICA COM A CULTURA DO ENCONTRO E A EDUCAÇÃO PARA A SOLIDARIEDADE	91
<i>Daniel Stigliano (Scholas Occurrentes)</i>	

O IMPACTO DO PACTO EDUCATIVO GLOBAL SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO <i>SERVICE-LEARNING</i> NAS UNIVERSIDADES CATÓLICAS	109
<i>Maria Cinque e Carina Rossa (LUMSA)</i>	

PARTE 2: A APRENDIZAGEM-SERVIÇO COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A EXTENSÃO CATÓLICA .. 130

APRENDIZAGEM-SERVIÇO SOLIDÁRIO COMO CAMINHO PARA UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL A PARTIR DO ENCONTRO E A FRATERNIDADE.....	131
<i>Gabriela Malacrida e Candelaria Ferrara (CLAYSS)</i>	

A ESPERANÇA SE CONSTRÓI EM COMUNIDADE.....	163
<i>Leticia Ivonne López Villarreal (Universidad de Monterrey)</i>	

APRENDIZAGEM-SERVIÇO E EDUCAÇÃO EVANGELIZADORA MARISTA	183
<i>Isabel Teresa Tresca (Provincia Marista Cruz del Sur)</i>	

PARTE 3: EXPERIÊNCIAS INSPIRADORAS 206

A REFLEXÃO NA APRENDIZAGEM-SERVIÇO DA PUC CHILE: UM MARCO PARA CONECTAR APRENDIZAGENS E SERVIÇO À COMUNIDADE 207

*José Sepúlveda Maulén (Uniservitate), Fernanda Penela (Pontificia Universidad Católica de Chile),
Rocio Fontana (Uniservitate) e Chantal Jouannet (Pontificia Universidad Católica de Chile)*

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA TRANS-FORMANDO VIDAS: REFLEXÕES SOBRE CONCEITOS, PRÁTICAS E AÇÕES EXTENSIONISTAS NA PUC MINAS 225

Carolina Costa Resende, Robson Figueiredo Brito e Virgínia Simão Abubid (PUC Minas)

A UNIVERSIDADE ALÉM DE SI MESMA: PERSPECTIVA CONCEITUAL E EXPERIÊNCIA DESDE A JAVERIANA 253

Daniel Eduardo García Suárez (Pontificia Universidade Javeriana)

NOSSO CÂMPUS É A CIDADE: A EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO 275

João Elton de Jesus (Unicap)

PROJETO COMUNITÁRIO: EXPERIÊNCIA DE SOLIDARIEDADE DA PUCPR 295

Débora Ester Feola Bana (PUCPR)

POSFÁCIO 317

Ir. Rogério Renato Mateucci (Reitor da PUCPR)

Fabiano Incerti (Pró-Reitor de Missão, Identidade e Extensão da PUCPR)

ORQUESTRAR O SABER

Por uma Universidade em harmonia com o mundo

*“A música ensina-nos a ouvir os outros,
a compreender que nada pode ser feito sem o outro”*

(Claudio Abbado).

Quando era jovem e estudava no liceu clássico, frequentava também a escola de música da minha cidade, chamada Santa Cecília, onde tinha um professor de piano que suscitava uma profunda admiração entre nós, estudantes. Era um homem de idade avançada, mas com a curiosidade incansável de um principiante. Era frequente vê-lo chegar às aulas com um novo tratado de teoria musical debaixo do braço, determinado a compreender todas as nuances que pudessem enriquecer a sua visão da música. Apesar da sua vasta experiência, nunca parou de aprender: todas as semanas trazia consigo novos volumes sobre harmonia, contraponto, estrutura musical, que continuava a interrogar com rigor e paixão. No entanto, esse estudo pessoal nunca foi um fim em si mesmo. Com a mesma dedicação com que estudava, ensinava. Cuidava dos seus estudantes com paciência e precisão, oferecendo tempo, atenção e encorajamento. Todos os domingos, sentava-se ao órgão da igreja e cedia toda a sua perícia musical ao serviço da liturgia, acompanhando os hinos com sóbria mestria.

Na sua figura esguia e nobre, vejo, hoje, a síntese das três missões fundamentais da Universidade: a investigação, o ensino

e a ação pública. Um saber que se renova, se transmite e se põe ao serviço. Porque a investigação que não se regenera torna-se obsoleta; o saber que não é comunicado permanece estéril; o conhecimento que não tem impacto na realidade acaba por se transformar em privilégio autorreferencial.

Esta imagem acompanha-me ainda hoje e veio-me à memória ao ler as contribuições reunidas neste volume. Porque hoje, mais do que nunca, a Universidade precisa de professores assim: capazes de combinar o rigor do estudo aprofundado com a paixão da transmissão e a responsabilidade do impacto.

Neste contexto, o volume que se segue é um testemunho vivo e plural do que pode acontecer quando as três dimensões da Universidade – *ensino, pesquisa e Extensão* – não são pensadas separadamente, mas numa coimplicação harmoniosa. Não se trata, de facto, de funções administrativas a equilibrar, mas de dimensões epistemológicas, pedagógicas e éticas de um único projeto educativo, que coloca no centro a pessoa, a comunidade e o bem comum.

O fio vermelho que percorre as diferentes secções do livro é o Pacto Educativo Global, promovido pelo Papa Francisco como resposta à emergência educativa do nosso tempo. Longe de ser um quadro ideal abstrato, o Pacto manifesta-se aqui como um princípio gerador de pensamentos e práticas. As suas *três coragens* – a coragem de colocar a pessoa no centro, de investir na criatividade e de formar no serviço – são desenvolvidos nos vários ensaios com coerência e profundidade. A perspectiva que emerge é a de um humanismo integral, crítico e solidário, que rejeita toda a neutralidade e assume plenamente a responsabilidade transformadora da educação.

No centro desta perspectiva está a *Extensão Universitária*, repensada como um espaço dialógico em que os saberes académicos e comunitários se encontram e se fecundam mutuamente. Trata-se de uma mudança crucial: da transmissão unidirecional para a co-construção participativa do conhecimento, do assistencialismo para a corresponsabilidade.

Dentro desta visão, enquadra-se fortemente o desenvolvimento da *Aprendizagem-Serviço Solidário* (AYSS), que surge não só como uma metodologia ativa, mas como uma autêntica proposta pedagógica: um ponto de encontro entre a teoria e a prática, entre o estudo e a cidadania, entre a formação pessoal e o compromisso coletivo.

Todo o volume se baseia em experiências concretas. De projectos com migrantes e refugiados a percursos de acompanhamento com reclusos; de centros para idosos a programas com comunidades indígenas; de iniciativas ecopedagógicas a redes internacionais de Universidades solidárias: cada contributo mostra como a Universidade pode ir para além de si mesma, assumindo a forma de uma oficina generativa onde se aprendem conhecimentos e se constroem relações, onde se forma e se é formado em conjunto.

A par destes caminhos, a dimensão espiritual e cultural da Missão Universitária emerge com força, sobretudo para as instituições católicas. A ideia de *diaconia académica*, desenvolvida em algumas secções do livro, convida-nos a imaginar a Universidade como *um espaço teológico encarnado*, onde a investigação não é um especialismo estéril, mas um caminho de discernimento e de serviço; onde a excelência não é uma competição autorrefe-

rencial, mas uma generatividade partilhada. O Papa Francisco recorda-nos que *a excelência, sim, mas para todos*, não para uma minoria elitista.

A pedagogia evangelizadora marista e a reflexão sobre a cultura do encontro oferecem, neste sentido, quadros interpretativos e práticos coerentes com um humanismo cristão capaz de diálogo, abertura e pluralismo.

Também merece atenção o vocabulário pedagógico que se desdobra nas páginas seguintes e que constitui o vocabulário ideal da educação: *cuidado, justiça, reciprocidade, protagonismo, fraternidade, experiência, corresponsabilidade*. Não se trata de palavras ornamentais, mas de categorias operacionais. Elas desenham uma nova gramática da Universidade, mais humana, mais comunitária, mais situada. E dão corpo a uma visão sistémica e ecossistémica da educação, em que a Universidade não é um sujeito isolado, mas um nó vivo de uma rede relacional, social e ambiental.

As experiências recolhidas situam-se principalmente no contexto da América Latina e do mundo católico, mas falam com força a todas as Universidades que pretendem enfrentar com honestidade e coragem os desafios do tempo presente. Ensinam-nos que é possível conjugar qualidade académica e enraizamento territorial, rigor científico e impacto social, espiritualidade e inovação. Mostram-nos que o conhecimento nunca é neutro, e que a tarefa da Universidade é também – e talvez sobretudo – *ética e política*: formar cidadãos conscientes, pacificadores, construtores de uma sociedade mais justa e fraterna.

Em última análise, este volume é um contributo valioso para pensar e praticar uma Universidade à altura dos desafios do

nosso tempo. Uma Universidade que, como o meu professor de piano, nunca para de procurar, de ensinar e de servir. Ainda me lembro de quando ele me obrigava a estudar a sério as invenções a duas e três vozes de Bach e, ao mesmo tempo, aceitava de bom grado os meus pedidos para me ensinar a tocar as minhas peças preferidas de música pop ou rock, desde que as trouxesse em partitura. Era a música que estava na moda nos anos 1980 e que eu exibia nas festas com os amigos. Para o meu professor, não havia distinção hierárquica de géneros, mas apenas um critério: seriedade de estudo e respeito pela música, e pedia-me que estudasse aquelas peças com o mesmo rigor, como se fossem exercícios de Hanon ou Czerny. Nesse gesto, aparentemente simples, havia uma visão pedagógica profunda: ser capaz de ligar o clássico e o contemporâneo, valorizar as raízes e abrir-se ao futuro, oferecer continuidade e novidade. Este é o ideal do educador. Este é o horizonte da Universidade.

Aqui, a Universidade que emerge destas páginas é exatamente assim: enraizada e estendida, exigente e inclusiva, rigorosa e generativa. Uma comunidade de aprendizagem que não tem medo de sujar as mãos na história, de sintonizar a sua voz com a das periferias, de tocar – para ficar na metáfora – em conjunto a sinfonia polifónica da justiça, da fraternidade e da paz.

Pe. Ezio Lorenzo Bono

Coordenador do Pacto Educativo Global
(Dicastério para a Cultura e a Educação)



APRESENTAÇÃO

Escrever a apresentação deste livro é, para mim, mais do que um gesto editorial: é testemunho de um tempo de graça. A publicação de *Extensão na Universidade Católica: Aprendizagem e Serviço* nasce da confluência de sinais que indicam um tempo favorável para a Extensão Universitária nas Universidades Católicas brasileiras, um *kairós* que precisa ser acolhido com discernimento, compromisso e ousadia.

O primeiro desses sinais vem da esfera normativa: a promulgação da Resolução CNE/CES nº 7/2018, que regulamenta a meta 12.7 da lei nº 13.005/2014¹ e estabelece a integralização curricular da Extensão Universitária em todos os cursos de Graduação. Essa resolução não apenas oficializa o papel formativo da Extensão, como também convida as instituições de Ensino Superior a revisarem suas práticas acadêmicas à luz do compromisso com a transformação social e com a construção de uma educação integral, dialógica e comprometida com os territórios. Trata-se de um marco histórico que reposiciona a Extensão como eixo estruturante da formação universitária, superando antigas dicotomias entre teoria e prática, ensino e vida, Universidade e sociedade.

O segundo sinal, profundamente profético, vem da voz do Papa Francisco², que convoca educadores e instituições do mundo

¹ BRASIL. *Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018*. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira [...] e dá outras providências. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2018-pdf/105102-rces007-18>. Acesso em: 22 ago. 2025.

² Este livro reúne reflexões e mensagens do Papa Francisco – palavras que, mesmo após seu silêncio terreno, continuam a ecoar com força e ternura no coração da Igreja e do mundo.

inteiro à construção de um Pacto Educativo Global. Esse pacto propõe colocar a pessoa no centro dos processos formativos, investir na escuta, na criatividade e na corresponsabilidade, e educar para o serviço e o bem comum. Em suas palavras, “é necessário ter coragem de formar pessoas disponíveis para se colocarem a serviço da comunidade”. Essa convocação interpela, em especial, as Universidades Católicas, herdeiras de uma tradição milenar que busca unir fé e razão, ciência e ética, conhecimento e compromisso.

Foi sob a inspiração desses dois sinais, o regulatório e o profético, que assumi a responsabilidade de estruturar e conduzir a nova área responsável pelos processos extensionistas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Esse desafio institucional coincidiu com um terceiro sinal: a adesão da PUCPR ao programa Uniservitate, uma iniciativa internacional criada na esteira do Pacto Educativo Global, com o objetivo de institucionalizar a Aprendizagem-Serviço nas Universidades Católicas do mundo inteiro. Este triplo contexto – normativo, eclesial e institucional – acendeu em mim a convicção de que vivemos um tempo favorável para a renovação da Universidade a partir da Extensão.

A partir dessa convicção, nasceu a ideia deste livro. Desejei reunir, neste volume, reflexões teóricas, propostas pedagógicas e experiências concretas que evidenciem como a Aprendizagem-Serviço pode se tornar um verdadeiro itinerário metodológico para a Extensão Universitária Católica. A obra que agora chega às mãos do leitor é, portanto, fruto de uma escuta atenta aos sinais dos tempos e de um esforço coletivo de sistematização e partilha.

Reunimos aqui contribuições de especialistas de diferentes regiões do Brasil, com destaque para instituições como PUCPR,

PUC Minas, PUC-Campinas, Unicap e UCB, bem como da Argentina, Chile, Colômbia, México e Itália. Todos partilham da mesma paixão por educar para o serviço e assumem que a formação universitária não se limita à aquisição de conhecimentos técnicos, mas deve cultivar também a sensibilidade ética, a espiritualidade do cuidado e a disposição para o compromisso social.

A obra está estruturada em três partes complementares. A primeira, intitulada “O lugar da Extensão na Missão Universitária Católica”, oferece uma base conceitual e teológica para compreender a centralidade da Extensão como expressão da responsabilidade social universitária, da cultura do encontro e da diaconia cristã. Os textos dessa seção evidenciam que, ao dialogar com os saberes populares, com os territórios vulnerabilizados e com as urgências sociais do nosso tempo, a Universidade Católica se reencontra com sua vocação eclesial e evangelizadora. Ela se torna “em saída”, como insistia o Papa Francisco, e assume a missão de ser fermento de justiça, fraternidade e esperança.

A segunda parte, “A Aprendizagem-Serviço como proposta pedagógica para a Extensão Católica”, aprofunda a metodologia da Aprendizagem-Serviço (A+S), compreendida não como técnica, mas como pedagogia integral que articula ensino, pesquisa e Extensão em projetos reais com impacto social. Diferentes autoras demonstram como a A+S favorece o protagonismo estudantil, a transdisciplinaridade, o encontro entre saber acadêmico e popular, e a formação de competências profissionais aliadas a valores humanos e espirituais. Destaco, nesta seção, a importância das abordagens que integram a A+S com a ética da alteridade e com a metodologia da Ação sem Dano,

lembrando-nos que o compromisso com o serviço exige escuta, respeito e corresponsabilidade.

A terceira e última parte do livro, intitulada “Experiências inspiradoras”, apresenta relatos de práticas exitosas em Universidades Católicas que já caminham há anos na trilha da Extensão solidária e da Aprendizagem-Serviço. São experiências que nos ensinam que é possível e necessário transformar estruturas acadêmicas para que a Extensão deixe de ser atividade periférica e passe a compor o centro da formação universitária. Os testemunhos aqui registrados mostram que a prática extensionista transforma estudantes, docentes, territórios e as próprias Universidades. São exemplos concretos de uma pedagogia do cuidado, da empatia e da esperança.

Com este livro, desejamos contribuir para o processo de institucionalização da Extensão Universitária nas Universidades Católicas do Brasil. Mais que uma coletânea, esta obra é uma convocação: convocação a educadores, gestores, estudantes e agentes pastorais universitários para assumirem a Extensão Universitária como um caminho privilegiado de conversão institucional, de compromisso evangélico e de renovação pedagógica.

Estou convencido de que a Aprendizagem-Serviço, enquanto proposta metodológica e espiritualidade educativa, pode ser uma chave para reconfigurar a Universidade à luz da compaixão, da justiça e da fraternidade. Ao colocarmos os pés no chão dos territórios e o coração no serviço, tornamo-nos mais humanos e, portanto, mais próximos do ideal educativo cristão.

Agradeço profundamente a cada autora e autor que aceitou o convite para integrar esta obra. A diversidade de experi-

ências e enfoques aqui presentes expressa a riqueza do campo da Extensão e o vigor da comunidade acadêmica e eclesial que acredita no poder transformador da educação integral. De modo especial, agradeço ao Ir. Rogério Renato Mateucci, *fms*, reitor da PUCPR, por seu testemunho e liderança na consolidação de uma Universidade em saída, comprometida com a justiça, a paz e a solidariedade. Igualmente, expresso minha gratidão ao Prof. Fabiano Incerti, Pró-Reitor de Missão, Identidade e Extensão, por seu apoio no processo de institucionalização da Extensão Universitária e seu compromisso na consolidação da Extensão como expressão viva da Missão Marista. Esta obra também é fruto da confiança e do encorajamento que ambos depositaram neste itinerário coletivo.

A você, leitora e leitor, desejo que este livro inspire novas práticas, renove convicções e desperte a coragem de construir uma Universidade mais comprometida com a vida em abundância, com as pessoas vulnerabilizadas e com o bem comum. Que possamos, juntos, formar gerações dispostas a aprender servindo e a servir aprendendo.

Com gratidão e esperança,

Prof. Dr. Rodrigo de Andrade

Educador e Animador da Extensão Universitária e
Aprendizagem-Serviço da PUCPR



PARTE 1:

O LUGAR DA EXTENSÃO NA MISSÃO UNIVERSITÁRIA CATÓLICA

DIRETRIZES EXTENSIONISTAS:

construindo pontes entre Universidade e comunidade por meio da Extensão Universitária

Juliana Teodoro¹

Rafaela Bez²

A Extensão Universitária representa um pilar essencial no contexto acadêmico brasileiro, transcendendo sua concepção original de ser uma função isolada da pesquisa e do ensino. Desde sua institucionalização inicial, no Estatuto da Universidade Brasileira, de 1931, até a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1961, a Extensão era majoritariamente percebida como uma atividade assistencialista, distanciada das demais atribuições universitárias.

Foi somente com a promulgação da Constituição Brasileira, de 1988, que o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e Extensão se consolidou, integrando a Extensão como um componente essencial e inseparável do funcionamento acadêmico (FORPROEX, 2006). Essa transformação paradigmática redefiniu o papel da Universidade, que passou a ser reconhecida não apenas como uma disseminadora de conhecimento, mas também como um espaço ativo de construção de saberes junto à sociedade.

¹ Mestra em Ciência Bioquímica. Analista de Extensão Universitária da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail: juliana.teodoro@pucpr.br.

² Mestra em Educação. Analista de Extensão Universitária da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail: rafaela.bbez@pucpr.br.

No Brasil, as Diretrizes Extensionistas foram constituídas a partir da década de 1960, marcando o início de um movimento mais estruturado e institucionalizado de Extensão Universitária no país, especialmente com a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 5.540/68), que incluiu a Extensão como uma das funções universitárias.

Nesse sentido, as Diretrizes Extensionistas desempenham um papel fundamental ao orientar as Universidades, não apenas facilitando a integração do ensino, pesquisa e Extensão, mas também estimulando o engajamento dos estudantes em projetos que respondem às necessidades reais das comunidades.

As diretrizes não apenas fortalecem a formação acadêmica, proporcionando uma aprendizagem contextualizada e interdisciplinar, mas também reforçam o compromisso social das instituições de Ensino Superior ao contribuírem para o desenvolvimento socioeconômico e cultural do país. Com isso, o objetivo deste capítulo é explorar as Diretrizes Extensionistas como ferramentas de integração das Universidades com a comunidade, destacando o impacto na formação acadêmica e o compromisso social das instituições de Ensino Superior no Brasil.

Extensão Universitária como agente de conexão entre territórios, ensino e pesquisa

Delineada no Plano Nacional de Extensão Universitária (2000-2001), a Extensão Universitária se posiciona como uma estratégia democratizante, intervindo de maneira concreta na realidade para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem na

totalidade (PNExt, 2000-2001, p. 5). A Diretriz Extensionista que orienta a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e Extensão não apenas enriquece a formação acadêmica dos estudantes, mas também fortalece o compromisso social das instituições de Ensino Superior. Esse modelo favorece a interação dialógica entre saberes acadêmicos e comunitários, promovendo um ambiente propício à produção de conhecimento contextualizado e relevante para os desafios presentes.

Até os anos 1960, a Extensão Universitária era vista, principalmente, como um serviço para oferecer cursos, conferências ou assistência técnica rural voltada a Graduados Universitários. Nesse período, movimentos estudantis começaram a questionar a relação das Universidades com a sociedade, culminando na Reforma Universitária de 1968. Apesar das mudanças ocorridas, foi somente com a formalização do princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e Extensão – no artigo nº 207, da Constituição de 1988 (Brasil, 1988) – que a Extensão passou de uma função separada para um componente essencial ao funcionamento das Universidades (FORPROEX, 2006).

Assim, a Universidade passou a ser compreendida sob uma nova perspectiva, que ia além da simples transmissão de conhecimentos e do assistencialismo, na qual a interação com a população é vista como vital para a vida acadêmica. Nesse contexto, a Extensão passa a ser entendida como:

[...] filosofia, ação vinculada, política, estratégia democratizante, metodologia, sinalizando para uma universidade voltada para os problemas sociais visando encontrar soluções através das pesquisas básica e aplicada, visando realimentar

o processo ensino-aprendizagem na totalidade e intervindo na realidade concreta (PNExt, 2000-2001, p. 5).

Ao reafirmar a Extensão Universitária como um processo em que a construção do conhecimento é feita de maneira conjunta, valorizando os saberes comunitários (Freire, 2013), concretiza-se a função da Universidade na formação cidadã dos envolvidos. Ensino, pesquisa e Extensão, de maneira indissociável, têm a tarefa de integrar uma ampla variedade de experiências que favorecem a aprendizagem e cumprem a missão da Universidade (Síveres, 2013, p. 26).

Edgar Morin (1999) reforça a complexidade e a interdependência do princípio da indissociabilidade, argumentando que o conhecimento só pode ser pleno quando ensino, pesquisa e Extensão se complementam, formando um circuito autoprodutor, cujos produtos e efeitos são essenciais à causa e à produção do saber. Essa perspectiva sustenta que as Universidades, por meio da Extensão, influenciam e são influenciadas por seus interlocutores, reafirmando seu compromisso social e sua missão de promover valores democráticos e desenvolvimento social. Ao definir o papel da Extensão, não se desresponsabiliza o ensino e a pesquisa de seus compromissos com a sociedade, mas reafirma-se essa responsabilidade, tencionando-os e atualizando-os (Deus, 2020).

No contexto da relação entre Extensão e ensino, o(a) estudante se torna protagonista, tanto de sua formação técnica, que envolve a aquisição de competências necessárias para a atuação profissional, quanto de sua formação cidadã, capacitando-o a reconhecer-se como agente de transformação social. A sala de aula não se limita ao espaço físico tradicional; ultrapassa os muros e compreende todos os espaços, dentro e fora da Universidade,

expressando “um conteúdo multi, inter e transdisciplinar, como exigência decorrente da própria prática” (PNExt, 2000-2001, p. 6). O confronto com a realidade conduz a mudanças no processo pedagógico, pois docentes e estudantes “são sujeitos do ato de aprender e produzir conhecimentos” (FORPROEX, 2006, p. 24).

Com relação à pesquisa, ampliam-se as oportunidades de integração entre a Universidade e a sociedade. A produção de conhecimento é enriquecida por meio da adoção de metodologias participativas, em que o diálogo entre pesquisadores e os diversos atores e atrizes sociais permite uma compreensão mais profunda da realidade. Conhecimentos ainda não sistematizados são assimilados e reinterpretados para contribuir com a transformação social rumo à justiça, solidariedade e democracia.

As relações duais explicitadas não devem restringir o ensino, a pesquisa e a Extensão a funções compartimentadas da Universidade. Ao contrário, essas atividades devem ser realizadas de maneira indissociada, concretizando um dos principais objetivos da Universidade (FORPROEX, 2006).

Em um processo de renovação constante da própria Universidade, o conhecimento produzido é “pluriversitário”, sendo “contextual na medida em que [sic] o princípio organizador da sua produção é a aplicação que lhe pode ser dada” (Santos, 2004, p. 30). A valorização dos saberes do senso comum, criticamente confrontados com a realidade e o conhecimento científico de forma transdisciplinar, aprimora, confere sentido e impulsiona o ensino e a pesquisa, rumo à transformação da realidade.

Dessa forma, “a questão central será identificar o que deve ser pesquisado e para quais fins e interesses se buscam novos

conhecimentos” (FORPROEX; MEC, 2001, p. 6). Assim, por meio do diálogo, a Extensão qualifica a Pós-Graduação, e os produtos gerados – teses, dissertações, livros, apresentações e outros – fomentam a construção de conhecimentos e o direcionamento de ações de impacto social.

O diálogo entre saberes como ferramenta para a transformação social

Para que a Extensão Universitária seja, de fato, um espaço de aprendizado multilateral, é importante estabelecer um diálogo concreto entre a Universidade e os diferentes territórios nos quais se insere. Essa interação dialógica promove um ambiente de troca justa de conhecimentos, enriquecendo o processo educativo com perspectivas diversas e experiências variadas.

A *interação dialógica*, segundo Paulo Freire (2011b), visa à troca de saberes de maneira equânime, sem manter o conhecimento como algo hierárquico. A dialogicidade pressupõe uma educação democrática, pautada no respeito mútuo entre todos os agentes do processo educativo, entendidos como sujeitos históricos e corresponsáveis pela transformação das realidades que vivenciam.

O artigo 5º do primeiro capítulo do Parecer CNE/CES nº 608, de 2018, que trata das Diretrizes para as Políticas de Extensão da Educação Superior Brasileira, aponta que “a interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade, por meio da troca de conhecimentos, da participação e do contato com as questões complexas contemporâneas presentes no contexto social”

(Brasil, 2018a, p. 18), é um exercício fundamental para a elaboração, desenvolvimento e avaliação das práticas extensionistas.

Dessa forma, a interação dialógica, no contexto da Extensão Universitária, influencia na visão de que os conhecimentos devem ser compartilhados, em vez de transmitidos e, após essa troca, novos conhecimentos são gerados. “Valoriza-se, assim, uma teoria confrontada e refletida com a prática, com a utilização de tecnologias para discutir sobre objetos de estudo, dando valor ao conhecimento interdisciplinar para superar uma visão fragmentada de mundo” (Lima *et al.*, 2015, p. 119).

Para Lima *et al.* (2015, p. 123), “o homem não pode ser considerado algo a ser moldado de acordo com interesses que lhe são estranhos”, ou, na perspectiva humanista de Freire (2011b), é crucial que as atividades extensionistas se assumam como espaços de comunicação, não sendo lugares de monopólio do conhecimento e dos saberes científicos.

Nas Universidades, é importante que a dialogicidade se estenda às práticas pedagógicas, transformando o que é específico de cada conhecimento científico em uma materialidade complexa que envolva a manutenção de relações entre disciplinas, a construção de alianças entre setores, organizações e profissões, fazendo do espaço universitário um local de *interdisciplinaridade e interprofissionalidade*.

Ao definir a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade como parte das Diretrizes Extensionistas, considera-se a inviabilidade de propagar ações que não dialoguem com a realidade social e as diferentes raízes culturais, não estimulando o debate e o pensamento crítico.

É válido reconhecer que há limitações em pensar o desenvolvimento acadêmico, científico e profissional de maneira simplista e segmentada, já que essa visão não integralizada da construção do conhecimento dificulta a compreensão das complexidades humanas e sociais. Por isso, Almeida Filho (2005, p. 527) aponta que a interdisciplinaridade “propõe ampliar a nossa visão de mundo, de nós mesmos e da realidade, no propósito de superar a visão disciplinar”.

Apesar de ser um caminho importante na educação, a interdisciplinaridade nas práticas pedagógicas ainda é um desafio constante, já que grande parte das Universidades se organiza de forma disciplinar, ou seja, “por saberes fragmentados, compartimentalizados, que atrofiam a capacidade de compreender e lidar com problemas cada vez mais complexos e globais” (Souza; Ferreira; Rossit, 2022, p. 6).

A organização disciplinar iniciou-se no século XIX e, desde então, foi historicamente incorporada e estruturada pelas instituições, resultando em saberes cada vez mais específicos e menos interligados. No entanto, como destacado por Souza, Ferreira e Rossit (2022), a capacidade de agir efetivamente no mundo requer uma visão global e interconectada.

Traçar “novos caminhos e saberes implica desconstruir e construir novos hábitos e formas de aprendizado que permitam conexões entre diversos campos do conhecimento” (Souza; Ferreira; Rossit, 2022, p. 6). Portanto, é crucial romper com concepções antigas que limitam cada área de atuação a seus próprios segmentos, promovendo um conhecimento teórico-prático integrado e aplicável em diferentes contextos e estudos.

Dessa forma, a Extensão Universitária emerge como uma ferramenta para o fortalecimento do diálogo interdisciplinar, desempenhando um papel crucial na integração do conhecimento acadêmico com as demandas e saberes da sociedade. Ao promover atividades que envolvam diferentes áreas do saber, a Extensão possibilita a colaboração entre disciplinas diversas, rompendo as barreiras tradicionais que frequentemente isolam os campos do conhecimento.

Esse intercâmbio não apenas enriquece a formação dos estudantes, que são expostos a uma variedade de perspectivas, metodologias, conhecimentos, experiências, territórios e vivências, mas também oferece soluções mais conectadas com a realidade para os problemas complexos enfrentados pela comunidade.

A participação em atividades extensionistas viabiliza que estudantes vivenciem na prática o envolvimento com os territórios dos quais fazem parte, articulem ações com demais membros da comunidade e ampliem sua formação profissional para além do espaço acadêmico. Esse olhar múltiplo, dialógico e complexo sobre a construção do conhecimento é compreendido por Sousa Santos (2011, p. 42) como:

[...] um conhecimento transdisciplinar que, pela sua própria contextualização, obriga a um diálogo ou confronto com outros tipos de conhecimento, o que o torna internamente mais heterogêneo e mais adequado a ser produzido em sistemas abertos menos perenes e de organização menos rígida e hierárquica. [...] A sociedade deixa de ser um objeto das interpelações da ciência para ser ela própria sujeita de interpelações à ciência.

Ao considerar a Extensão Universitária como coprodutora de conhecimentos potencializadores de transformação social, a proposta de Sousa Santos (2011) sugere posicionar a Universidade como parte integrante de um projeto de sociedade que colabora conjuntamente com diversos atores e atrizes sociais. Além disso, “quando o acadêmico adota a postura de um cidadão preocupado com a realidade social de diferentes contextos da sociedade, torna-se um profissional humanista, crítico e reflexivo” (Cardoso *et al.*, 2015, p. 17).

A Extensão atua como catalisadora na interação dialógica do conhecimento, em que o saber acadêmico é difundido e enriquecido pelos saberes do território, resultando em práticas mais inclusivas, relevantes e de impacto social. Assim, a Extensão se consolida como um espaço dinâmico de construção conjunta, onde a interdisciplinaridade se traduz em uma abordagem mais abrangente e eficaz para o desenvolvimento social e científico.

Da mesma forma, a interação entre educação e processo de trabalho – a interprofissionalidade – também é necessária para revisar concepções sobre a educação, possibilitando a construção de redes profissionais “ampliadas e contextualização de práticas profissionais mais aderentes, compartilhadas, colaborativas e seguras” (Souza; Ferreira; Rossit, 2022, p. 8).

A Extensão age como uma ponte que conecta a Universidade, docentes, estudantes e a comunidade, oferecendo a chance de desenvolver habilidades de reflexão sobre os conhecimentos partilhados, promovendo uma nova compreensão em uma abordagem pedagógica crítica. As ações extensionistas devem, portanto, estabelecer impacto e transformação social, já que “a relação entre a Universidade e a sociedade proporcionada

pela extensão universitária possibilita a ação transformadora, beneficiando não só a sociedade, mas também no âmbito da universidade” (Curi Filho *et al.*, 2021, p. 41).

Apesar de o *impacto da transformação social* ser um dos pilares da Extensão Universitária, muitas ações extensionistas no Brasil ainda mantêm o caráter assistencialista dos anos 1960, ou seja, “um caminho de difusão (divulgação de conhecimento ou de cultura, ou prestação de serviço), de benefício à população carente (assistência)” (Gonçalves, 2015, p. 1233). Por esse prisma, a comunidade é vista apenas como receptora de conhecimentos provenientes da Universidade, sem capacidade de contribuir com a formação acadêmica e cultural dos estudantes. Essa visão paternalista da educação se afasta da construção dialógica do conhecimento, conforme apontado por Freire (2011b) e pelas Diretrizes Extensionistas (Brasil, 2018b).

Dessa forma, para que as práticas de Extensão Universitária dialoguem efetivamente com a comunidade na construção de conhecimentos interdisciplinares e multidisciplinares, é fundamental desenvolver ações que impactem significativamente os territórios envolvidos. Para isso, é primordial realizar avaliações de impacto que mensurem essas intervenções, conforme indicam Dantas e Sousa (2018).

A importância de avaliarmos os impactos na transformação social de projetos de extensão nos faz refletir sobre o desenvolvimento da produção do conhecimento. É objetivo da extensão universitária que todos os atores participantes das ações extensionistas se apropriem dos conhecimentos desenvolvidos em processos de transformação da realidade (Dantas; Sousa, 2018, p. 128).

Nesse sentido, as avaliações de impacto não apenas legitimam o valor dessas intervenções, mas também orientam a continuidade e a expansão das iniciativas, assegurando que elas permaneçam relevantes e eficazes na promoção de um desenvolvimento social inclusivo, equânime e sustentável. Por meio desse processo contínuo de avaliação e reflexão, as Universidades podem reafirmar seu compromisso com a comunidade e garantir que suas ações contribuam de forma cada vez mais significativa e atrelada às necessidades dos territórios.

A formação do estudante *pela e para* a realidade

Entendida a partir de sua função educativa, a Extensão Universitária contribui para a “razão de ser da universidade, isto é, motivar os sujeitos acadêmicos para que possam ampliar as oportunidades de aprendizagem por meio de outras experiências” (Síveres, 2013, p. 26). O *impacto na formação do estudante* é proporcionado partir de práticas que priorizam a necessidade da maioria da população, por meio da perspectiva do movimento ação-reflexão-ação, em que o conhecimento é elaborado pelos estudantes a partir da realidade concreta e da sistematização dessas práticas por meio da pesquisa (Tavares, 1997).

Devido à curta vida útil do conhecimento contemporâneo, a formação estudantil deve ir além da preparação profissional. A verdadeira qualificação advém da capacidade de recriar e manusear o conhecimento, com um aprendizado baseado em observações, reflexões e questionamentos, em diálogo com a realidade. A Extensão, dessa forma, “proporciona a ampliação do

espaço, a otimização do tempo e a significação do processo” de aprendizagem (Síveres, 2013, p. 30). Assim, a formação transcende aspectos técnicos, incluindo também aspectos sociais e políticos, promovendo a conscientização crítica (FORPROEX, 2006).

No âmbito profissional, o estudante torna-se apto a compreender sua realidade de atuação, adquirir novas habilidades e relacionar teoria e prática. Em termos de formação integral, desenvolve competências para a convivência coletiva e o compromisso social, além da aquisição e/ou mudança de valores e a construção da cidadania (Costa *et al.*, 2013). Dessa forma, a ancoragem na realidade, previne a alienação pela técnica, segundo Freire (2011a, p. 25-26):

Não devo julgar-me como profissional “habitante” de um mundo estranho, mundo de técnicos e especialistas, salvadores dos demais, donos da verdade, proprietários do saber, que devem ser doados aos “ignorantes e incapazes”. [...]. Se procedo assim, não me comprometo verdadeiramente como profissional nem como homem. Simplesmente me alieno. [...] Na medida em que o compromisso não pode ser um ato passivo, mas práxis – ação e reflexão sobre a realidade –, inserção nela, ele implica indubitavelmente um conhecimento da realidade.

Processo que conecta a formação do estudante à realidade da sociedade, a Extensão é atividade que indica a finalidade do percurso da aprendizagem, sendo mediadora e qualificadora da construção do conhecimento, valorizando o aspecto epistemológico, ético e político da instituição. Esse valor deve ser vivenciado diariamente por acadêmicos e membros da comunidade, a partir dos processos estabelecidos e em desenvolvimento, bem

como pelos resultados alcançados tanto individualmente quanto coletivamente (Síveres, 2013).

Dessa maneira, é possível destacar que esse processo também implica uma transformação na própria Universidade. Tal transformação deve ser analisada como um processo contínuo de autoavaliação, mudança de cultura e aquisição de conhecimento crítico por meio da prática, demandando uma avaliação contínua (Dantas; Sousa, 2018).

Assim, a Extensão Universitária configura-se como um meio potente para o fortalecimento de conhecimentos que respondam às necessidades sociais e contribuam para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ao integrar a teoria com a prática e fomentar o diálogo entre a academia e a comunidade, a Extensão enriquece a formação acadêmica e fortalece o compromisso social das Universidades, estabelecendo um ciclo contínuo de aprendizagem e transformação. Portanto, é essencial que as práticas extensionistas sejam constantemente avaliadas e aprimoradas para garantir que seus impactos reverberem positivamente, tanto na sociedade quanto na própria Universidade, consolidando-se como um espaço de inovação e transformação social.

Referências

ALMEIDA FILHO, N. Transdisciplinaridade e o paradigma pós-disciplinar na saúde. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 30-50, 2005.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República,

[2023]. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 25 ago. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Parecer CNE/CES nº 608, de 13 de dezembro de 2018. Dispõe sobre as diretrizes curriculares nacionais para os cursos de Graduação. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 14 dez. 2018a.

BRASIL. *Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931*. Dispõe que o Ensino Superior no Brasil [...]. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 1931. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 17 set. 2025.

BRASIL. *Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961*. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 1961. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 17 set. 2025.

BRASIL. *Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968*. Fixa normas de organização e funcionamento do Ensino Superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1968. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15540.htm. Acesso em: 25 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes para a Extensão na Educação Superior brasileira*. Brasília, DF: MEC, 2018b. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/docman/dezembro->

2018-pdf/104753-diretrizes-para-extensao-na-educacao-superior-brasileira/file. Acesso em: 10 maio 2024.

CARDOSO, A. C. *et al.* O estímulo à prática da interdisciplinaridade e do multiprofissionalismo: a Extensão Universitária como uma estratégia para a educação interprofissional. *Revista da ABENO*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 12-19, 2015.

COSTA, A. A. C. *et al.* Aprendizagem: o olhar da Extensão. In: SÍVERES, L. (org.). *A Extensão Universitária como um princípio de aprendizagem*. Brasília, DF: Liber Livro, 2013. p. 61-80.

CURI FILHO, W. R. *et al.* Compreensão das diretrizes da Extensão Universitária: uma visão a partir de coordenadores de ação de Extensão de uma unidade acadêmica das áreas tecnológicas. *Revista Alemur*, Ouro Preto, v. 6, n. 1, p. 38-55, 2021.

DANTAS, D. C.; SOUSA, A. C. G. Avaliação dos impactos na transformação social em um projeto de Extensão Universitária. *Raízes e Rumos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 127-132, jul./dez. 2018.

DEUS, S. F. S. *Extensão Universitária: trajetórias e desafios*. Santa Maria: PRE-UFSM, 2020.

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. *Indissociabilidade ensino-pesquisa-Extensão e a flexibilização curricular: uma visão da Extensão*. Porto Alegre: UFRGS, Brasília, DF: MEC/SESu, 2006.

FORPROEX; MEC. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras; Ministério da Educação. *Plano Nacional de Extensão Universitária: edição atualizada* –

2000/2001. Brasília, DF: MEC, 2001. Disponível em: http://www.prae.ufrpe.br/sites/prae.ufrpe.br/files/pnextensao_1.pdf. Acesso em: 19 set. 2025.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. *Educação e mudança*. 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011b.

GONÇALVES, G. Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e Extensão: um princípio necessário. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 1229-1256, 2015.

LIMA, L. F. *et al.* Extensão Universitária na UEG: interação dialógica na formação de professores. *Revista UFG*, Goiânia, ano 15, n. 17, p. 115-135, dez. 2015.

MORIN, E. *O desafio do século XXI: religar os conhecimentos*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

SANTOS, B. S. *A Universidade no século XXI*. São Paulo: Cortez, 2004.

SÍVERES, L. O princípio da aprendizagem na Extensão Universitária. In: SÍVERES, L. (org.). *A Extensão Universitária como um princípio de aprendizagem*. Brasília, DF: Liber Livro, 2013. p. 19-33.

SOUSA SANTOS, B. *A Universidade no Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade*. São Paulo: Cortez, 2011.

SOUZA, S. V.; FERREIRA, B. J.; ROSSIT, R. A. S. Interdisciplinaridade e interprofissionalidade: perspectivas para educação e trabalho em saúde. *In*: CORDEIRO, A. L. A. O.; OLIVEIRA, R. M.; SILVA, G. T. R. (org.). *Residência multiprofissional em saúde: investigações, vivências e possibilidades na formação*. Brasília, DF: ABEn, 2022. p. 6-11.

TAVARES, M. G. M. *Extensão Universitária: novo paradigma de Universidade?* Maceió: Edufal, 1997.